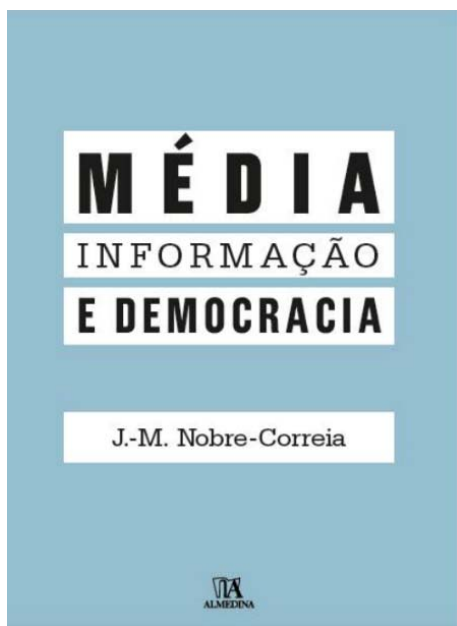


Resenha

Nobre-Correia, M. J. (2019). Média, Informação e Democracia. Coimbra: Almedina



Página | 116

Chegou, no início de 2019, às livrarias a obra *Média Informação e Democracia*, uma publicação de J.-M. Nobre-Correia, editada pela Almedina, que conta com 368 páginas. Apresenta textos que provêm de diversas revistas académicas da área da informação-comunicação ou especializadas na análise política.

Ao percorrermos as páginas do livro percebemos que há trinta e dois textos, a grande maioria das vezes escritos originalmente em francês ou editados em diversas línguas europeias. O critério principal para a seleção dos textos foi pertencerem ao âmbito da informação jornalística.

Interessante é notar que a obra abrange temas da atualidade como as questões relacionadas com a liberdade de informação, a independência dos média e o pluralismo dos média na nossa sociedade. De facto, segundo o autor, partir dos anos 1960-70 assistiu-se a uma proliferação dos média, que se acentuou de maneira inacreditável com a digitalização das imagens, dos sons, e com o aparecimento da internet nos anos 1990. Mas segundo J.-M. Nobre-Correia, esta proliferação gerou grande fragilização dos média e provocou uma enorme concentração da propriedade, dos meios de comunicação e determinou o empobrecimento da informação jornalística.

Ao abrirmos o livro, deparamo-nos desde logo com um texto que se intitula “A lógica do acontecimento”, onde surge a questão da dimensão económica dos meios de comunicação social, nos séculos XIX e XX, que levou a uma dinâmica de concorrência e provocou uma conceção distorcida da informação. Avançando na nossa leitura encontrámos os seguintes artigos: “Para além do texto: o jornal”; “Do jornal de ontem ao ecrã de amanhã”; “Do entorpecimento do jornalismo”; “A vertigem francófona”; “Um olhar equívoco”; “Que audiovisual público” e “Das problemáticas do jornalismo”.

O texto cujo título é “Os média e a exclusão” centra-se no facto de a imprensa ter entrado numa lógica de desenvolvimento onde o pluralismo informativo é cada vez mais reduzido. Há “uma grelha de leitura da atualidade (...) que, produzindo exclusão, reduz a sua audiência, que vai gradualmente diminuindo” (2019, p. 117).

“O Futuro perante o passado...” faz uma breve recapitulação histórica das etapas que marcaram a relação entre os média, o jornalismo e a democracia. Segue-se um artigo sobre “Uma certa morte anunciada”, segundo o qual “tudo leva a crer que o jornalismo, enquanto ofício de informação de massa, se encontra em vias de desaparecimento. Permanecerá, todavia, o jornalismo como ofício especializado de informação das elites, ou até mesmo de grupos sociais restritos” (2019, p. 151).

“Um pluralismo muito diverso” é um texto que nos lança várias interrogações, como por exemplo: “Do que se fala quando se evoca o pluralismo dos média numa sociedade democrática?”, “Agirão os nossos média mais ou menos como catalisadores do pluralismo em democracia?”, “Notaram que os mesmos títulos, as mesmas imagens, os mesmos termos, as mesmas abordagens de um sujeito, as mesmas análises voltam um pouco exageradamente em diferentes média? Onde está, neste caso concreto, o pluralismo de pontos de vista?”.

O questionamento sobre as problemáticas do sector mediático prossegue com os seguintes artigos: “Os três escolhos”; “Os equívocos de uma formação”; “Dois panoramas contrastados”; “Uma afirmação problemática”; “Fomentar uma nova dinâmica” e “As núpcias bárbaras”.

Um outro artigo que merece destaque é “O insustentável dilema”, que aborda o relacionamento entre os média, a publicidade e os jornalistas.

“Duas faces da história” destaca a “Revolução dos Cravos”, sublinhando a censura que se fez sentir ao longo de quarenta e oito anos em Portugal. O texto assinala ainda a eclosão de novos títulos jornalísticos após o 25 de Abril.

A reflexão de Nobre-Correia continua nos seguintes artigos: “Repensar a prática jornalística”; “Que independência dos média”; “Média e poder político”; “Razões que explicam a miséria”; “Uma história em perspetiva”; “A inconfessável convivência”; “Revoluções na continuidade...”; “Estratégias que se impõem...”; “A desoladora anarquia televisiva”; “Da integração à comunitarização”.

Já “Interrogações sobre o futuro” está nas páginas finais do livro, e trata da questão da sobrevivência da imprensa, da rádio e da televisão no mundo da internet. Há muito que se fala que os “média tradicionais”, sobretudo a imprensa em papel, vão desaparecer. Porém, todos eles continuam a chegar ao leitor, ao espetador ou ao ouvinte.

O último texto do livro intitulado “Os média têm que saber resistir” é uma entrevista que foi realizada ao autor pelo *Jornal de Notícias*, em 2010, onde Nobre-Correia, mais uma vez, faz uma crítica e deixa um alerta ao jornalismo praticado na atualidade:

“A ideia dominante é que os média têm de ser «pluralistas». Isto é: um «colunista» com uma «opinião» e outro com uma «opinião» exatamente contrária no mesmo número, na mesma emissão! (...) Esta falta de coluna vertebral, de identidade, constitui um grave erro de mercadologia”. (2019, p. 358)

Em síntese o autor pretendeu passar aos leitores uma visão panorâmica da evolução tecnológica, económica e sociológica dos média na Europa, tratando-se, por isso, de uma coletânea de textos que proporcionam um questionamento sobre o estado da democracia, da cidadania e das práticas jornalísticas.

Ana Machado

Ciência ID: 0913-46AB-8F6D

anateresa540@hotmail.com

Mestre em Jornalismo, Comunicação e Cultura pela ESECS